

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A morte e a morte de Chagas Freitas** : a (des)construção de uma imagem pública : trajetória individual e reelaboração memorialística. Rio de Janeiro , CPDOC , 1999.

XXIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

GRUPO DE TRABALHO – BIOGRAFIA E MEMÓRIA SOCIAL
Segunda sessão - Memória política: passado e presente

A morte e a morte de Chagas Freitas
a (des)construção de uma imagem pública: trajetória individual e
reelaboração memorialística.

Carlos Eduardo Sarmiento

Doutorando em História Social (PPGHIS/IFCS/UFRJ)

*É incrível. Chagas Freitas foi deputado, duas vezes governador, morre e quase todos os jornais dizem as maiores bobagens sobre ele. (...) Ele não foi um campeão de votos, como disseram, e ninguém sabia disso melhor do que o próprio Chagas Freitas. Foi derrotado na primeira eleição para deputado federal por apenas 3 votos na legenda do PSP e a vaga ficou com Benjamin Farah (...) Depois, em 66, Chagas foi apenas o sétimo colocado no MDB, uma colocação pouco brilhante, nada que se parecesse com um campeão de votos.*¹

Em editorial publicado na edição de 2 de outubro de 1991 da *Tribuna da Imprensa*, o jornalista Hélio Fernandes analisava a cobertura que a imprensa carioca dedicara ao tema da morte do ex-governador Chagas Freitas. Com seu peculiar estilo incisivo e polêmico, Fernandes repudiava o tom que imperara nas matérias veiculadas por diferentes órgãos da imprensa, inclusive o que dirigia, por julgá-lo pouco corajoso e por apresentar uma tendência em não expor aquela que julgava ser a “verdadeira e estranha face” do político morto dois dias antes.² Referenciando-se enfaticamente no conjunto de características negativas que amplos setores da imprensa e da opinião pública contribuíram por colar à imagem do antigo cacique carioca, o texto do editorial ousava na radical desconstrução memorialística daquele que fora um dos principais fatores identitários da liderança chaguista: o constante e consistente bom desempenho nas urnas.

Sem intimidar-se em lançar mão de dados distorcidos e inexatos, Fernandes reduzia a margem da diferença de votos que afastara Chagas da Câmara Federal em 1950 e dissolvia, quinze anos depois, a votação que garantira a Chagas a marca de deputado federal mais votado do MDB em todo o país, para arrolá-lo em um falso, e não documentado, ranking que lhe

¹ Tribuna da Imprensa. 02/10/1991. p.1

² Chagas Freitas faleceu no dia 30 de setembro de 1991 em decorrência do rompimento de um aneurisma abdominal. Ver Jornal do Brasil. 01/10/1991. P. 4.

consignava apenas uma discreta sétima posição. Procurando reforçar seu argumento desqualificatório do sentido da trajetória de Chagas Freitas na política do Rio de Janeiro, o editor-chefe da *Tribuna* radicalizara em seu exercício de reavaliação do passado, decompondo o mito através da formulação de um novo discurso mítico. Não bastava lembrar todas as características negativas que a memória vinculava à Chagas, era preciso demolir os poucos fatores positivos que ainda eram associados à sua imagem.

O texto de Hélio Fernandes se inseria em uma inesperada retomada de um debate que parecia então definitivamente sepultado, mas que o falecimento do antigo chefe político carioca ressuscitara. O anúncio da morte de Chagas Freitas servira paradoxalmente como sinal de que, ao contrário do que sua saída da vida pública pudesse levar a supor, o ex-governador continuava vivo fisicamente, habitando uma espécie de limbo, rumo ao qual sua decisão pessoal e a opinião pública o haviam impulsionado. Diferentemente do que consagrara a filosofia política no início da época moderna, a cisão entre o corpo físico e o corpo político do governante operara no caso de Chagas Freitas uma inversão de percurso.³ Afastado pelo voto da chefia do Executivo estadual e conduzido ao ostracismo pela avaliação negativa de sua atuação, o corpo político de Chagas Freitas - a tradição política que ajudara a conformar e à qual sua imagem ficara associada de forma indelével - perecera antes de sua morte física, propiciando assim duas diferentes supressões em sua trajetória.

No intervalo que separou a morte política de sua morte física, Chagas fora despido de todos os seus símbolos de poder: seu império jornalístico fora vendido e seu grupo político perdera, e muitas vezes

³ Sobre a formulação da teoria da dupla corporificação do soberano nos tratados filosóficos e teológicos medievais e sua posterior formulação jurídica nos séculos XV e XVI ver o clássico trabalho de Ernst Kantorowicz, Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

passara a negar, sua identificação com o líder destituído. Além disso, sobre seu legado incidu todo um conjunto de avaliações negativas que pareciam fazer dele o ponto de convergência de todas as tendências nefastas que haviam grassado no campo político carioca. Alvo prioritário das críticas formuladas pelos candidatos à sua sucessão em 1982, no final de seu governo Chagas personificava tudo aquilo que os discursos políticos desejavam expurgar da política fluminense: as práticas clientelistas, a dócil submissão aos ditames do regime militar, a relação patrimonial com a coisa pública e a chamada “promiscuidade” estabelecida entre o Estado e organizações políticas informais.

O mote presente no incisivo obituário redigido por Hélio Fernandes nada mais era que a reafirmação desta memória. A identificação de Chagas Freitas, agora não mais um cadáver insepulto da política, com os aspectos negativos da prática política também estaria presente em alguns outros textos que comentavam a sua morte, como a matéria retrospectiva publicada na revista *Veja* com o título de *Final desesperado*:

*Como governador criou um estilo que deixou seguidores: o de apoiar-se na marginalidade carioca, no chefe do morro, no dono do jogo do bicho. Esse fenômeno, em que se confundem a coisa pública e a coisa marginal, transformou Chagas Freitas num político essencialmente carioca.*⁴

Curiosamente, no texto da revista paulista de circulação nacional, a qualificação do estilo político do líder morto alcançava um outro sentido. Chagas Freitas personificava uma vez mais os atributos negativos sem, contudo, que tais aspectos fossem exclusivamente associados apenas às suas características individuais. Para o articulista anônimo da *Veja*, o estilo político do chamado chaguismo não era entendido como uma anomalia dentro do campo político carioca, mas sim como uma síntese de suas

características intrínsecas. Com um sentido radical, a estratégia de satanização de Chagas Freitas, recorrente desde seu segundo governo, era então utilizada, de forma inversa, para imputar ao conjunto da política do Rio de Janeiro um sentido pejorativo: promíscuo, nocivo e marginal.

Em torno do corpo sepultado no cemitério São João Batista começava a se desenrolar uma curiosa batalha: a da redefinição do sentido da trajetória política de Chagas Freitas. Após sua morte pública e física, Chagas emergia através de uma inesperada ressurreição. Sem saber ao certo em que direção procurá-lo, se no Hades ou nos Campos Elísios, políticos, jornalistas e analistas se dedicaram aos mais diversos exercícios de reconstrução memorialista.

No entanto, independente do teor e da qualificação que tais discursos viriam a construir, era incontestável a profunda e ambígua identificação de Chagas Freitas com o campo político carioca. Esta identificação era geralmente percebida como uma alteridade radical, ao se construir uma identidade política para o Rio de Janeiro calcada na imagem ideal de uma capital irradiante sobre o cenário nacional. Ao se qualificar o campo político carioca como o espaço mais politizado, de eleitorado mais consciente e mais apto a se expressar através de práticas modernas, via-se também Chagas Freitas como um elemento completamente estranho a este ambiente, até mesmo como uma anomalia. Um resquício arcaico e provinciano em uma cidade que se representava como cosmopolita e vanguardista. No entanto, um olhar mais rigoroso, despido principalmente de cristalizadas construções ideais a respeito do caráter da política carioca, permite identificar em Chagas Freitas a expressão de muitas das características constitutivas do próprio campo político carioca. Características estas, no entanto, que os próprios atores políticos envolvidos no processo recusavam-se em identificar como inerentes às suas prática e cultura políticas.

⁴ *Final Desesperado* in *Veja*. 09/10/1991. p. 100

As ambigüidades da trajetória de Chagas Freitas serviriam por explicitar este aparente paradoxo da cultura política do Rio de Janeiro. Identificada ao longo de quase dois séculos como o eixo central do exercício político e administrativo de perspectiva nacional, a antiga sede da Corte Luso-brasileira balizou os referenciais de sua cultura política na direção de um espaço ideal, representativo da nacionalidade e cujo destino histórico não poderia ser outro que não a ambição ordenadora de todo o conjunto do país, constituindo, portanto, a verdadeira expressão política do Brasil. “Cabeça da nação”, “coração do Brasil”, o Rio de Janeiro formulou as bases de sua cultura política na negação de todo o projeto que se restringisse ao local, ao singular, norteando-se por uma postura que prezava o cosmopolitismo como verdadeira expressão do caráter nacional da cidade.⁵

O próprio exercício político-administrativo de sua condição de capital evidenciaria que, diferentemente de como era representada idealmente, a atividade política no Rio de Janeiro não poderia prescindir de alguns elementos pensados como antagônicos à condição de capitalidade: localismo, clientelismo, e patrimonialismo. Potencializada pela presença dos principais órgãos do poder público na cidade, as relações de interdependência pessoais, de intercâmbio político através da manipulação de recursos públicos e de constituição de redes clientelísticas de bases locais, constituiriam os alicerces renegados sobre os quais se sustentava a prática política na capital brasileira. Ancorando sua trajetória prioritariamente sobre estes fatores específicos, Chagas Freitas era identificado como o emblema mais visível e mais bem acabado destas

⁵ Um exemplo emblemático deste tipo de interpretação que associa o Rio de Janeiro à expressão da nacionalidade brasileira encontra-se no texto do historiador José Honório Rodrigues “O destino nacional da cidade do Rio de Janeiro” in Vida e história. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966. A crítica historiográfica recente a este tipo de discurso pode ser acompanhada nos textos de Margarida Neves Brasil: acertai vossos ponteiros. Rio de Janeiro, Museu de Astronomia, 1991; de Lucia Lippi Oliveira A questão nacional na primeira república. São Paulo, Brasiliense, 1990; e de Marly Motta A nação faz

características constitutivas, porém não assumidas enquanto tal, do campo político local.

O que agravaria ainda mais o teor das análises formuladas a respeito do papel desempenhado por Chagas Freitas na política carioca seriam alguns elementos específicos da conjuntura na qual ocorreu a sua ascensão à chefia do MDB e ao governo do estado. Se inicialmente Chagas poderia ser repudiado por ter tornado visíveis os incômodos mecanismos de sustentação da atividade política na cidade, a percepção de que sua carreira havia-se construído no vácuo deixado pela perda da condição de capital faria dele a grande “besta apocalíptica”, o principal antagonista da política carioca das décadas de 1960 e 1970. Destituído daquele que seria seu estatuto ideal, o Rio de Janeiro viu negado em Chagas Freitas o projeto do grande líder, do “herói salvador” que poderia reconduzir o Rio ao espaço do qual ele jamais desejou se afastar.⁶

Desta forma, Chagas teve de prestar contas não apenas pelo que efetivamente era, mas, principalmente, por aquilo que não foi: não conduziu o MDB para uma posição de aberto enfrentamento do regime militar, não orientou sua administração para a reinstauração da Guanabara enquanto principal arena dos debates nacionais e não ambicionou dirigir sua carreira rumo a projetos de ambições nacionais, limitando-se a ser um chefe de perfil paroquial no governo do estado que se identifica como a principal caixa de ressonância da política brasileira.

Avaliado em suas possíveis ausências e identificado como um corpo estranho e infeccioso para a política carioca, Chagas, destituído de seu corpo político após deixar o Palácio Guanabara em 1983, teve incorporado à

cem anos: a questão nacional no centenário da independência. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1992.

⁶ O historiador francês Raoul Girardet propõe a interpretação de discursos e projetos políticos a partir de referenciais míticos que orientariam a composição da cultura política. Um dos exemplos analisados é a da elaboração da identidade mítica do político enquanto

sua imagem todos os elementos negativos que teriam deturpado a “verdadeira face” da política carioca, como afirma o antigo líder da ala autêntica do MDB, Lisâneas Maciel:

Chagas, para mim, é uma figura menor da política. Menor e que influenciou de maneira extremamente maléfica a política desse estado. (...) Sem base popular nenhuma, sem ideologia nenhuma, não tinha compromisso nenhum com a justiça social, com o povo, com nada. Foi um político nefasto para a política do Rio de Janeiro.⁷

Em suma, o afastamento de Chagas Freitas do campo político carioca representaria a redenção do Rio de Janeiro. Morto politicamente, estava portanto o estado purgado de todos os seus males.

No entanto, os rumos tomados pela política carioca e fluminense após a derrota do chaguismo nas urnas, levariam ao questionamento da efetiva extinção dos aspectos negativos da política com o fim do governo Chagas Freitas. A necessidade de negociar uma coalizão que estabilizasse as relações entre o Executivo e o Legislativo estadual nos primeiros meses do governo Leonel Brizola fizeram emergir todo um conjunto de práticas que se julgavam banidas do cenário político do Rio de Janeiro. Posteriormente, a composição de alianças que elegeria Moreira Franco em 1986 e o próprio padrão de sua administração fizeram perceber que os demônios que se julgavam exorcizados não se restringiam às legiões chaguistas, mas caracterizavam todo um conjunto de práticas arraigadas na cultura política.

Esta seria uma das matrizes a partir da qual se pôde repensar os limites do chaguismo na ocasião do falecimento de seu chefe. Luiz Eduardo Rezende, analista político do *Jornal do Brasil* e d’*O Dia*, escreveria uma

um herói salvador. Ver GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

⁷ Lisâneas Maciel. Depoimento ao CPDOC, gravado em 26/11/1998. Fita 2-^a

pequena, porém provocativa, nota na edição que cobriu as cerimônias fúnebres do ex-governador:

De Chagas se disse tudo. Que era fisiológico, empreguista, linha auxiliar da ditadura, perseguidor dos que brigavam dentro do MDB pela volta ao estado de direito no país. Mas não se pode negar que ele dava um certo charme à hoje tão xoxa política do Rio. (...) Quem acha que, depois dele, essa atitude mudou muito no Palácio Guanabara, atire o primeiro voto.⁸

Tom semelhante estaria presente no artigo *O chaguismo não morreu*, de autoria de Marcos Sá Correia, no qual o jornalista marcaria uma certa continuidade do padrão político reconhecido como “chaguista” no Rio de Janeiro da década de 1990:

Esses dez anos sem a sua sombra o que deram ao Rio? Imitações cada vez mais caricatas do chaguismo, a praga que em 1982, durante a campanha para a sucessão estadual, todos os candidatos queriam arrasar. O mais duro e convincente deles elegeu-se: Leonel Brizola. Governou uma vez, saiu deixando uma dinastia de afilhados na prefeitura do Rio de Janeiro e está novamente no cargo. É dono do latifúndio fluminense, como Chagas Freitas foi um dia. (...) Da promiscuidade no Rio já não se sabe se ela é obra dos governadores ou se os governadores são obras dela. Entre um governo Brizola e outro, passou pelo Palácio Guanabara o governador Wellington Moreira Franco. Fechou o mandato oferecendo no palácio um coquetel aos maiores bicheiros de sua jurisdição.⁹

Sem intentar um resgate da memória chaguista, estes dois exemplos denotam o tipo de avaliação que o afastamento em relação à era Chagas Freitas propiciou. Sem desfraldar bandeiras ou extremismos apaixonados movidos pelo calor da disputa, Chagas era entendido como um produto do

⁸ O Dia. 02/10/1991. P. 4.

⁹ *O chaguismo está vivo*. in Veja. 09/10/1991. p. 101.

peculiar conjunto de características que definiam o campo político no qual atuara. Descolado do eixo cosmopolita-nacionalizante, Chagas exprimiu, de forma lapidar, o reverso da medalha da política carioca. Talvez nenhuma outra liderança política de sua época tenha se identificado tão estreitamente com uma prática política orientada pelo realismo, calcada em estratégias eleitorais que compreendiam de forma exemplar os condicionantes locais e clientelísticos da atuação política. Morto Chagas, permanecia a lógica. Se Marcos Sá Correia podia ousar afirmar que o chaguismo não havia morrido, isto se devia ao fato de que este representara apenas uma das articulações possíveis da sintaxe política do Rio de Janeiro. O chaguismo, enquanto chefia e expressão política, fora sepultado no momento em que Brizola era declarado governador eleito em novembro de 1982. Sua lógica de funcionamento e as condições de sua existência, no entanto, permaneceram enquanto fatores estruturantes da política do Rio de Janeiro.

Villas-Boas Correia, que integrara a primeira equipe de reportagem d'*O Dia*, sintetizaria a possibilidade de reavaliação do papel de Chagas Freitas na política do Rio de Janeiro. Em um artigo, sintomaticamente intitulado *O mestre do realismo*, antevia condições propícias para um acerto de contas com a memória do chaguismo e propunha a trajetória do ex-governador como um objeto prioritário de futuras investigações:

O final amargurado de vida reclusa, maltratado pela doença, acalmou paixões, antecipando a calma para a revisão crítica, na avaliação de erros e acertos. Não sei como os desafetos julgarão o adversário Chagas Freitas após a trégua da morte. Mas, a serenidade do distanciamento reconhecerá sua singular trajetória na política carioca e fluminense como uma liderança de sólidas raízes populares, que de certo modo antecipou a utilização de técnicas modernas de comunicação e que soube abrir seu espaço com legendária habilidade em compor esquemas que giraram em torno dele.¹⁰

¹⁰ *O mestre do realismo* in JB, 01/10/1991. p.4.

Como se atendessem a convocação que o velório de Chagas Freitas antecipara e que Villas traduzira, os políticos tratariam logo de reconduzir Chagas ao centro do debate político. Ao fazê-lo, reformularam muitas das posições anteriormente assumidas e passaram a operar um curioso processo de desconstrução e reconstrução da imagem pública do outrora banido chefe da política carioca. Embora ainda recusassem a pecha do “chaguismo”, muitos dos seus antigos aliados encerraram um longo silêncio para reabilitar o sentido de sua trajetória. O deputado estadual Jorge Leite, que segundo comentário corrente havia herdado o fichário de eleitores do ex-governador, em discurso na Assembléia Legislativa explicitaria a herança de sua filiação:

*Eu, Jorge Leite, perguntado pela imprensa: “O Senhor se considera o último dos chaguitas?” Dei um sorriso e disse: “Não, porque o chaguismo começou e acabou com o Sr. Chagas Freitas, quando ele deixou de ser governador e se afastou da vida pública.” Mas desafio nesta casa quem tenha alguma acusação comprovada quanto à lisura do governo exercido pelo governador que faleceu.*¹¹

Outro de seus mais próximos colaboradores, o empresário e ex-prefeito da cidade do Rio de Janeiro Israel Klabin, também questionaria o “estigma de Caim” que recaía sobre Chagas e sua administração:

*O que o dominava era o sentido de honestidade e lealdade funcional. Essa lealdade foi, muitas vezes, mal compreendida e recebida com o apodo pejorativo de chaguismo.*¹²

¹¹ Discurso na sessão de 01/10/1991. in Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro. Poder Legislativo. 02/10/1991. p. 7.

¹² Jornal do Brasil. 01/10/1991. p. 4

Esboçava-se então uma das vertentes através da qual se operaria a reabilitação de Chagas Freitas nos meios políticos. As práticas clientelistas, traduzidas no padrão de relação que o governador mantivera com os políticos de sua base de apoio, não eram mais identificadas como um elemento negativo, mas sim como fator inerente à prática política na cidade do Rio de Janeiro. Aprofundando ainda mais a discussão, alguns destes atores políticos julgavam ser esta uma postura que reforçava os vínculos de fidelidade e garantiam o prestígio e a sobrevivência das lideranças políticas. Uma vez mais, veremos no discurso de Jorge Leite a qualificação positiva desta forma de exercício do poder:

*Se o acusam de fazer currais eleitorais, diria que não. Realmente cuidava com muito carinho dos seus parlamentares, em cada região onde tinham o seu eleitorado. Era uma forma de dedicação. Era uma forma de respeito. Era uma forma de fortalecimento. O que o parlamentar mais precisa é que o Executivo o fortaleça em sua região. Isso, como ninguém, Chagas Freitas soube fazer.*¹³

Também referendada pela percepção do deputado Átila Nunes Filho:

*Falar em clientelismo é uma grande injustiça com Chagas. O clientelismo com que se tentou marcar o Chagas todos praticam.*¹⁴

Chagas Freitas, portanto, não se desviava radicalmente do padrão político conhecido e considerado eficaz por muitos parlamentares. E este tipo de avaliação não se restringiria apenas aos antigos integrantes de seu grupo político. A radialista Daisy Lucidi, que ingressara na política nas

¹³ Discurso na sessão de 01/10/1991. in Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro. Poder Legislativo. 02/10/1991. p. 8.

¹⁴ Jornal do Brasil. 01/10/1991. P. 4.

fileiras da Arena, também referendaria o tipo de avaliação sobre o sentido do clientelismo praticado por Chagas:

*Era muito amigo de seus correligionários, prestigiava os seus políticos, deixava que seu político usasse a sua área de influência, não permitindo que outro político a invadisse. (...) Até hoje me pergunto: era clientelismo o que Chagas praticava? Ou era essa necessidade de que o político estivesse cada vez mais perto do povo, que atendesse as suas reivindicações? Afinal, estamos aqui para atender o povo que nos procura.*¹⁵

Explicitando a profunda identidade que o *ethos* parlamentar corrente percebia no estilo político que caracterizara a chefia de Chagas Freitas, tornava-se cada vez mais evidente, no discurso oriundo dos meios políticos, que Chagas não fora uma anomalia, uma aberração produzida no interior da política carioca. Se Chagas Freitas representara uma forma extrema da utilização das redes de clientela no exercício da política formal, tal característica não fazia dele um elemento estranho à lógica que orientava o funcionamento do campo político carioca. Sua satanização ocorrera, principalmente, em virtude de estar situado, em um momento de radicalidade extrema da política brasileira, no ponto de convergência de uma série de fatores que a conjuntura específica dos últimos anos do regime militar elegera como um dos entraves a ser suplantado para o restabelecimento da ordem democrática.

A questão ambígua da relação de Chagas Freitas com a política do Rio de Janeiro residia principalmente sobre a definição de quais fatores orientavam a avaliação do campo político em determinados contextos sócio-políticos. Atuando nas esferas do Legislativo estadual no período do segundo governo Brizola, cujo padrão de relação com a Assembléia Legislativa não era dos mais amenos, o consenso dos deputados nutria uma

¹⁵ Discurso na sessão de 01/10/1991. in Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro. Poder Legislativo. 02/10/1991. p. 5

certa nostalgia em relação aos tempos dos governos de Chagas Freitas. Em outras circunstâncias, o sentido da avaliação poderia ser norteado por elementos distintos e o saldo talvez fosse inteiramente diferente. Mais do que instaurar o tribunal da história, estas rearticulações da memória sobre o chaguismo confirmavam as inegáveis conexões do antigo governador com o seu tempo e com espaço em que atuara.

Altamente significativas seriam as considerações esboçadas sobre o chaguismo por duas lideranças cujas trajetórias haviam se cruzado com a do ex-governador em diferentes conjunturas: Leonel Brizola e Miro Teixeira. O último caudilho petebista, que havia galvanizado o eleitorado da Guanabara em 1962 e ressurgido vinte anos depois no comando uma memorável e vitoriosa campanha que o conduziria ao Palácio Guanabara, fora extremamente eficaz ao se apresentar como o anti-Chagas em 1982. Sobre Brizola incidiriam as esperanças do cumprimento de uma promessa que mobilizava profundamente os eleitores do Rio de Janeiro: a de reconduzir a antiga capital para o centro da política brasileira. Apresentando-se como sendo o único elemento com real legitimidade para cumprir o receituário radical que Chagas não seguira, Brizola assumiu o compromisso com a moralização administrativa e, principalmente, com o engajamento em um projeto de contornos nacionais. Suas duas passagens pelo governo fluminense evidenciariam os limites destas propostas.

Embora não tenha se pronunciado oficialmente a respeito da morte de seu antigo adversário, limitando-se a decretar luto oficial de três dias, Brizola não se furtaria a comentar com jornalistas a avaliação que então fazia do papel que Chagas Freitas desempenhara na política estadual:

Ele não deixou de ser, na época da escuridão da ditadura, um aceno para a população oprimida. Imaginavam que sendo do MDB, Chagas pudesse se confrontar com os

*ditadores e os oligarcas, e que com isso pudesse abrir espaços e liberdade para a população.*¹⁶

O discurso havia perdido a sua radicalidade. O outrora dócil serviçal do regime militar ganhava ares de resistência possível das forças oposicionistas na Guanabara. O afastamento da conjuntura específica de enfrentamento havia modulado o discurso e atenuado as divergências. Podemos afirmar que o próprio envolvimento de Leonel Brizola com a administração orçamentária e política do estado do Rio de Janeiro havia redefinido seus parâmetros avaliativos através da percepção das características intrínsecas, muitas vezes atribuídas exclusivamente ao estilo particular de Chagas, mas que estavam estreitamente associadas à cultura e à dinâmica da política local.

Esta associação também encontrava reflexos no discurso de Miro Teixeira. Socializado politicamente nas fileiras chaguistas, Miro emergira da redação d' *O Dia* para assumir o posto de herdeiro político de Chagas Freitas. Na campanha eleitoral de 1982, percebendo a dificuldade de se contrapor aos críticos de seu mentor político, Miro afastou-se do legado chaguista, formulando um discurso de radical oposição às práticas clientelistas e à docilidade com que o MDB carioca enfrentara os anos mais difíceis do regime militar. Derrotado nas urnas, Miro carregou durante anos o duplo fardo de não ser identificado como uma oposição autêntica, mesmo após sua filiação ao PDT, e de ter traído a sua origem chaguista.

De forma não intencional, Miro era o símbolo vivo das ambigüidades e das transformações quase estáticas que haviam marcado a década posterior à morte política de Chagas Freitas. Se por um lado o brizolismo havia incorporado em suas fileiras o discurso nacionalizante e oposicionista de Miro, também foram agregados ao partido lideranças marcadamente identificadas com a gestão da máquina clientelista chaguista,

¹⁶ Jornal do Brasil. 02/10/1991. p. 2.

como Jorge Leite, Aluísio Gama e Cláudio Moacyr. No velório de seu antigo patrono, Miro Teixeira novamente se veria em uma incômoda posição defensiva ao analisar o teor das críticas ao clientelismo:

*As minorias intelectuais criticaram o chaguismo com os mesmos argumentos que combatem o brizolismo. Imaginam que os investimentos nas áreas pobres significam uma tentativa de manipulação de voto.*¹⁷

O advento da ressurreição de Chagas Freitas no debate político logo seria superado pela sucessão de novos fatos políticos. Momentaneamente revivido, Chagas baixaria à sepultura diante da incômoda percepção de que aquilo que se julgava ser a sua renegada herança transcendia o indivíduo. O chaguismo fora um dos nomes assumidos ao longo do tempo por uma das faces constitutivas da própria política do Rio de Janeiro. Caberia agora novamente ocultá-lo sob o manto do silenciamento, seguramente o dissociando da memória e da avaliação formuladas em torno de sua trajetória. Diferentemente de outras lideranças locais, a memória sobre Chagas Freitas tenderia à dispersão, não encontrando vias posteriores de resgate ou formas de referência.

Se o jornalista Hélio Fernandes julgava que Chagas Freitas deveria ser definitivamente lançado ao esquecimento e que de sua trajetória a História teria pouco o que contar, o olhar crítico e rigoroso dos pesquisadores julgou por bem contrariá-lo. Aqui deixamos Chagas Freitas, julgando ter contribuído, através destas notas acerca das estreitas relações entre as memórias construídas sobre sua trajetória, para uma melhor compreensão da lógica que rege o jogo político no Rio de Janeiro. Para além das imagens correntes de líder irascível, obcecado pelo voto, e de implacável perseguidor de seus adversários, acreditamos ser a trajetória de

¹⁷ Jornal do Brasil. 02/10/1991. p. 2.

Chagas Freitas um valioso mapa de orientação de pesquisas que visem à compreensão da lógica organizativa e funcional do campo político carioca. Esta estrada segue adiante.